



Organizador

Alexandre Patricio de Almeida

PSICANÁLISE

Muito além da formação

*Diálogos sobre a transmissão e a
democratização da psicanálise*

Blucher

MUITO ALÉM DA FORMAÇÃO

*Diálogos sobre a transmissão e a
democratização da psicanálise*

Organizador

Alexandre Patricio de Almeida

Muito além da formação: diálogos sobre a transmissão e a democratização da psicanálise

© 2023 Alexandre Patricio de Almeida

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editores Eduardo Blücher e Jonas Eliakim

Coordenação editorial Andressa Lira

Produção editorial Regiane da Silva Miyashiro

Preparação de texto Catarina Tolentino

Diagramação Plinio Ricca

Revisão de texto Sérgio Nascimento

Capa Laércio Flenic

Imagem de capa Brisa 2 (1998), Claudio Castelo Filho (80x100 cm, acrílica sobre tela)

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Muito além da formação : diálogos sobre a transmissão e a democratização da psicanálise / organizado por Alexandre Patricio de Almeida. - São Paulo : Blucher, 2023.

304 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-635-7

1. Psicanálise 2. Psicanálise - Formação I. Almeida, Alexandre Patricio

23-3702

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Introdução

A formação psicanalítica e a sua respectiva
democratização 27

Alexandre Patricio de Almeida

1. A sombra do machismo e a formação psicanalítica:
revisitando o legado de Melanie Klein 55

Alexandre Patricio de Almeida

2. A instituição psicanalítica e as sociedades de psicanálise:
percursos e encruzilhadas num processo de tornar-se
psicanalista 95

Alfredo Naffah Neto

3. Minha experiência como analista didata na
formação de analistas na Sociedade Brasileira de
Psicanálise de São Paulo 117

Claudio Castelo Filho

4. Democratização da formação em psicanálise 137

Érico Andrade

5. A universidade como espaço do fazer do psicanalista <i>Fernanda Samico</i>	153
6. Da psicologia à formação em psicanálise: o relato de uma experiência pessoal <i>Filipe Pereira Vieira</i>	167
7. Formação psicanalítica, elitismo e colonização <i>Julio Sergio Verztman</i>	189
8. Em torno da formação do analista: como ir além da reserva de mercado <i>Luis Claudio Figueiredo</i>	203
9. Contribuições do ateliê clínico à formação do psicanalista <i>Marion Minerbo</i>	215
10. Estilos do psicanalista: tradição e inovação <i>Nelson Ernesto Coelho Junior</i>	239
11. O desejo de saber e o desejo de analisar <i>Paula Regina Peron</i>	257
12. Do ensino à transmissão da psicanálise: é possível graduar-se psicanalista? <i>Samantha Dubugras Sá</i>	269
Posfácio. O ofício do analista: um percurso na terceira margem do rio <i>Helena Cunha Di Ciero</i>	289
Sobre os autores	297

Introdução

A formação psicanalítica e a sua respectiva democratização

Alexandre Patricio de Almeida

*O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.
Foi capaz de modificar a tarde
botando uma chuva nela.
O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor.
A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou: Meu filho, você vai ser poeta!
Você vai carregar água na peneira a vida toda.
Você vai encher os vazios
com as suas peraltagens,
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!*

Barros, 1999.

Ele [o interlocutor] diz também: “Então isso é uma espécie de mágica, você fala e a doença dele [paciente] desaparece”.

Exatamente; seria mágica, se tivesse efeito rápido. Na magia é essencial a rapidez, o êxito imediato, pode-se dizer. Mas os tratamentos psicanalíticos requerem meses e até mesmo anos; uma mágica assim lenta já não tem o caráter de algo maravilhoso. (Freud, 1926/2014, p. 131, colchetes meus)

No início do ano de 2022, a comunidade psicanalítica foi surpreendida com a suposta criação de um curso de *bacharelado em psicanálise*, em formato de *ensino a distância* (aulas gravadas e online), com duração de *quatro* anos, oferecido por uma instituição de ensino superior particular.

O assunto rapidamente se espalhou nos diversos meios de comunicação (de jornais a revistas temáticas), chegando a viralizar nas redes sociais. Entretanto, em meio a tantas notas de repúdio – emitidas por tradicionais instituições psicanalíticas e, também, por analistas com importante visibilidade midiática e acadêmica –, foi possível verificar *inconsistências* no conteúdo de algumas publicações que circularam na ocasião.

Esse fato me remeteu a uma passagem do livro *O tronco e os ramos* – vencedor do prêmio Jabuti (2015) –, de Renato Mezan, em que o autor rebate de modo contundente e elegante as críticas realizadas à psicanálise pelo filósofo Adolf Grünbaum, que recusa o método clínico freudiano como um dispositivo possível para qualquer validade epistemológica. Partindo de uma revisão histórica e conceitual, Mezan elabora uma resposta *coesa e bem fundamentada* ao nosso robusto oponente, e, dirigindo-se principalmente aos

analistas que se sentiram *ofendidos* com as opiniões de Grünbaum, o autor afirma:

Por outro lado, bater no peito e urrar à moda de Tarzan que o método clínico é bom, ou dar de ombros dizendo que ele [Grünbaum] não fez análise e, portanto, não experimentou os benefícios do método que ataca, tampouco leva a grandes resultados: o nervo do seu argumento permanece intocado, e nós paralisados frente ao desafio que ele nos lança. (Mezan, 2014, p. 539, grifos e colchetes meus)

Porém, o que aconteceu no caso do lançamento do bacharelado em psicanálise foi justamente a conduta *oposta* ao aconselhamento pertinente de Mezan: a maior parte da nossa comunidade bateu no peito e urrou *à moda de Tarzan* a clássica expressão “isso não é psicanálise!”. Impulsionados pelo ímpeto de desqualificar o novo curso, muitos analistas acabaram reduzindo o calibre do problema e, inevitavelmente, mais do mesmo foi falado e escrito em defesa da nossa formação e existência.

Vejamos, por exemplo, um trecho da pequena coluna publicada por Marco Antonio Coutinho Jorge, no dia 11 de janeiro de 2022, no jornal *Folha de S.Paulo*, intitulada “Bacharelado em psicanálise é aberração”:¹

Desde a criação da psicanálise por Sigmund Freud até os avanços substanciais da teoria e da clínica psicanalítica trazidos pelo ensino de Jacques Lacan, a formação analítica é oferecida exclusivamente pelas sociedades de

¹ Disponível (*para assinantes*) em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2022/01/bacharelado-em-psicanalise-e-aberracao.shtml> (acesso em outubro de 2022).

psicanálise, *criadas para este fim há mais de cem anos. Nelas, o estudo da teoria psicanalítica é intimamente associado aos outros pilares – análise pessoal e supervisão clínica – que sustentam a formação como um conjunto consistente de atividades atravessadas pela experiência analítica pessoal dos analistas que ensinam.* (Jorge, 2022, *grifos meus, n.p.*)

Marco Antonio sustenta o seu ponto de vista mencionando breves passagens de um manifesto emitido pelo “Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras”, criado há mais de 20 anos “com o objetivo de salvaguardar a especificidade da ética inerente à prática analítica” (Jorge, 2022, n.p.). O referido documento ressalta que reduzir a formação analítica ao mero conhecimento de *teorias e técnicas*, prometendo que em *quatro anos* todos os alunos estarão *aptos* para a prática psicanalítica, contradiz as bases que asseguram o ensino e a transmissão da psicanálise. Logo, a nova graduação em psicanálise estaria, segundo esse manifesto, totalmente fora dos padrões *formalmente* aceitos por nossa comunidade.

Lembremos, antes de qualquer coisa, que essa mesma graduação *não* promete entregar os alunos *formados* – no sentido mais amplo do termo. Ela se coloca como um pontapé inicial, com o objetivo de *inserir* os estudantes no mundo psicanalítico. Além disso, gostaria de levantar algumas provocações em torno desse impasse: em quais aspectos essa modalidade de curso se diferencia das outras formações em psicanálise, oferecidas por institutos renomados, que, geralmente, disponibilizam um certificado após quatro anos de frequência assídua e a realização de alguns trabalhos teóricos? Seria pelo fato de essa nova instituição universitária ainda não ter um grande nome de prestígio? Em caso afirmativo, ainda estaríamos presos a uma espécie de “lógica feudal” – que costumava valorizar pequenos nichos em detrimento de outros?

Tais indagações merecem alguns minutos da nossa atenção.

Seguindo com a leitura do texto de Jorge, nos deparamos com a seguinte frase: “Ou seja, a formação tem como base mais importante a experiência da análise pessoal, sem a qual não é possível ser analista” (2022) – o que é indiscutível, é válido dizer. E ele continua:

Instituir um curso de graduação de psicanálise, que apresente claramente em seu bojo uma motivação empresarial e despreza os objetivos de uma formação legítima, é um grave atentado à existência da psicanálise como método de conhecimento e tratamento. Significa, outrossim, negar o protocolo de formação necessário e oferecer uma ilusão perniciososa aos jovens que desejam encontrar na psicanálise uma fonte de conhecimento que, para ser estendida a uma atividade clínica, exige o próprio tratamento do sujeito. Cabe ao Ministério da Educação rever a autorização que foi dada a este curso ignominioso que, de psicanálise, só tem o nome, nada mais. (Jorge, 2022, n.p.)

Certamente os motivos que suscitaram a revolta de Marco Antonio não são banais. Muito pelo contrário, são completamente justificáveis. Entretanto, conseguimos identificar, no mínimo, duas rachaduras no edifício dessa argumentação, por mais que a intenção do autor possa ser considerada efetivamente válida e pertinente ao calor do debate.

A primeira delas consiste no fato de o artigo não explicar ao leitor *leigo* o que seria uma “formação em psicanálise” nos moldes preestabelecidos, já que a oferecida pelo modelo de uma graduação online, de acordo com Jorge, seria uma “aberração”.

A segunda brecha refere-se à ausência de alternativas *concretas* para a proposta do bacharelado, sobretudo, no que diz respeito ao

complexo e delicado tema da *democratização* da psicanálise, no âmbito da sua transmissão. O autor não sugere uma opção sequer acerca desse tema um tanto quanto espinhoso.

A partir dessa circunstância, abordo, a seguir, as duas fraturas apontadas no ensaio de Jorge, discutindo de maneira detalhada cada uma delas, na mesma proporção em que busco propor *alternativas* viáveis para tais inconsistências. Longe de encerrar as questões levantadas, pretendo expandir a finalidade dessa discussão, lançando luz em pontos que ainda permanecem obscuros.

Percorrendo os labirintos históricos da formação em psicanálise

Nesses institutos os candidatos se submetem eles próprios à análise, recebem instrução teórica, com aulas em todos os assuntos relevantes para eles, e desfrutam da supervisão de analistas mais velhos e experientes, quando lhes permitem fazer as primeiras tentativas em casos mais leves. Calcula-se aproximadamente dois anos para essa formação. Naturalmente, após esse tempo o indivíduo é apenas um iniciante, não é ainda um mestre. O que ainda falta precisa ser adquirido na prática e pela troca de ideias nas sociedades psicanalíticas, em que membros mais jovens se encontram com aqueles mais velhos. A preparação para a atividade analítica não é simples e fácil, o trabalho é duro e a responsabilidade é grande. Mas quem passou por essa aprendizagem foi ele próprio analisado . . ., esse não é mais um leigo no campo da psicanálise. (Freud, 1926/2014, pp. 187-188, grifos do autor)

No período inicial da sua obra, Freud propõe que aquele indivíduo que gostaria de se tornar analista deveria começar analisando os seus próprios sonhos, já que esses fenômenos psíquicos carregam um conteúdo inconsciente riquíssimo e demonstram, ainda que de maneira velada, as diversas faces do desejo recalcado ou de uma desprazerosa *repetição traumática* (Freud, 1920/2010c). Porém, no decorrer da evolução de suas teses e com o crescimento da prática psicanalítica, o mestre de Viena se deu conta de que esse procedimento não era suficiente para *formar* um analista. Preocupado com os rumos da sua criação, começou a traçar os contornos do que deveria guiar a formação psicanalítica, com o intuito de evitar que “análises selvagens” fossem cometidas a torto e a direito.

Explico melhor: acontece que alguns médicos da época liam apenas uma pequena parte das teorias freudianas e simplesmente se *autorizavam* a exercer a clínica psicanalítica, lançando interpretações incisivas e equivocadas sobre o sintoma de seus pacientes. Essa postura de alguns iniciantes não escapou à pena de Freud, que não hesitou em elaborar um artigo advertindo os praticantes da que chamou de *análise selvagem*. O texto foi tão necessário naquele momento que acabou sendo publicado enquanto a psicanálise ainda era uma criança, em 1910.

Nesse trabalho, intitulado “Sobre psicanálise selvagem”, Freud relata o caso de uma senhora que chega ao seu consultório queixando-se de profundos estados de angústia. “Com seus 40 e tantos anos, bastante conservada, mas, ao que parecia, não havia ainda fechado o ciclo de sua feminilidade” (Freud, 1910/2017a, p. 81). O motivo do seu sofrimento psíquico estava ligado ao divórcio do seu último marido. Entretanto, o estado de angústia da paciente havia piorado desde o dia em que ela realizou uma consulta com um jovem médico de seu bairro, que afirmou, com todas as letras, que a razão da sua ansiedade seria uma *necessidade sexual*. Isto é: na concepção do médico iniciante, ela estava sofrendo porque

estava sem sexo. Logo, só havia três caminhos para a cura da paciente: voltar para o marido, ter um amante ou a satisfação solitária pela via da masturbação.

Diante dessa conjuntura, a pobre mulher estava convencida de que era *incurável*, pois não desejava reatar com o marido, e os dois outros meios iam contra a sua moral e religião. Porém, ela procurou Freud porque o médico tinha mencionado que aquela era uma abordagem *nova*, que se devia a ele e, portanto, seria recomendado que ela fosse confirmar com o próprio Freud, pessoalmente, que era assim mesmo que a psicanálise funcionava, e não de outra forma.

Indignado com esse relato, o mestre de Viena nos adverte que uma psicanálise *não* se consolida por meio dessa conduta e caso algum médico julgue necessário conversar com uma mulher sobre o tema da sexualidade, “terá de fazê-lo com *tato* e *discrição*” (Freud, 1910/2017a, p. 83, grifos meus). É interessante notar a sutileza do autor ao recomendar que os profissionais de saúde devem agir com *tato*,² especialmente ao tocar em assuntos tão delicados e complexos para determinados pacientes.

Com receio de essa situação vir a se repetir, Freud elabora, então, uma coletânea de “Artigos sobre a técnica psicanalítica”, entre 1911 e 1915, na tentativa de estabelecer uma espécie de

² No meu último livro, publicado pela editora Blucher, intitulado *Por uma ética do cuidado: Ferenczi para educadores e psicanalistas* (Vol. 1) eu explico que, embora Freud tenha falado a respeito do “tato”, foi Sándor Ferenczi quem se debruçou sobre o conceito, trazendo-o efetivamente para a prática clínica. Reproduzo a passagem na íntegra: “Outro conceito apresentado no texto sobre a ‘Elasticidade da técnica’ é a noção de *tato*, que Ferenczi define como a capacidade do analista de ‘sentir com’ [*Einfühlung*]. ‘O tato aponta para uma distância justa, nem de mais nem de menos, um poder ‘sentir com’ sem ‘ser como’” (Pinheiro, 2016, p. 105). Trata-se da aptidão do terapeuta para poder se envolver de modo empático e sensível com a causa de seu paciente, entendendo as razões de sua dor e sofrimento, sem se ‘misturar’ com ele, mantendo o distanciamento necessário à alteridade (Almeida, 2023, p. 222).

“padrão” para o *tratamento* e, obviamente, para a *formação*. Dentre eles, acho relevante comentar aqui o clássico *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise* (1912). Em um recorte que aborda o tema da *formação do analista*, Freud escreve:

Anos atrás, dei a seguinte resposta à questão de como alguém pode tornar-se psicanalista: “Pela análise dos próprios sonhos”. Tal preparação basta para muitas pessoas, certamente, mas não para todos que querem aprender a analisar. Além disso, nem todos conseguem interpretar os próprios sonhos sem ajuda externa. Incluo entre os muitos méritos da escola psicanalítica de Zurique ter reforçado essa condição e tê-la fixado na exigência de que todo indivíduo que queira efetuar análise em outros deve primeiramente submeter-se ele próprio a uma análise com um especialista. Quem levar a sério este trabalho deveria eleger esse caminho, que promete várias vantagens; o sacrifício de franquear a intimidade a um estranho, sem que a enfermidade o obrigue a isso, é amplamente recompensado. (Freud, 1912/2010a, p. 157, grifos meus)

Portanto, não há escapatória, tampouco caminho mais curto. Para formar-se um analista, o indivíduo precisa vivenciar ele próprio, em *primeira pessoa*, um processo analítico.³ Em resumo: não é possível conceber a existência de um psicanalista, caso ele mesmo não tenha vivido a experiência de uma análise na própria carne (e na alma).

³ Apesar dessa recomendação de Freud, ainda é possível observar a uma série de *incoerências* e posturas de caráter duvidoso em nosso meio, como a arrogância, a prepotência, a soberba, a inveja, a competitividade etc. – características que, querendo ou não, também interferem na prática terapêutica.

Vale lembrar que a análise pessoal como condição para alguém “tornar-se analista” fora estabelecida por Jung – daí a referência feita por Freud no artigo de 1912 à “escola de Zurique”, na época em que Jung era o presidente da recém-criada Associação Internacional, a IPA. Desde então, esse critério se tornou um argumento conhecido por todos nós.

Freud se justifica, em favor dessa proposição, mencionando a “condição psicológica” do psicanalista que deve, aos poucos, ser capaz de usar o “seu inconsciente como instrumento na análise”, não podendo tolerar em si *mesmo*

resistências que afastam de sua consciência o que foi percebido por seu inconsciente; senão introduziria na análise um novo tipo de seleção e distorção, bem mais prejudicial do que a produzida pelo recurso à atenção consciente. (Freud, 1912/2010a, p. 156)

Com efeito, quando falamos de formação, geralmente nos vêm à cabeça os tradicionais institutos psicanalíticos filiados à IPA (International Psychoanalytical Association) – conhecidos também como “Sociedades”. Por um bom tempo, em nosso país, essas instituições foram as únicas “escolas” de formação de analistas. Tal *exclusividade* acabou restringindo a psicanálise a uma pequena *elite intelectual* das grandes capitais brasileiras – a começar por São Paulo e, posteriormente, o Rio de Janeiro.

Não custa lembrar que os cursos oferecidos por essas instituições possuem um preço excessivamente elevado para a nossa realidade sociocultural, além de exigir uma frequência de análise pessoal *quatro vezes por semana* com um analista didata. Trata-se, pois, de um membro mais experiente do *próprio instituto* que, por meio de um plano de carreira, alcança essa “titulação”.

A meu ver, esse formato designa uma certa rigidez e fomenta, desde a sua origem, um debate espinhoso. Luiz Meyer, por exemplo, que é médico e psicanalista, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, pertencente à IPA, tem sido um dos representantes do movimento que põe em xeque as eficácias dessa dinâmica. Cito o autor:

A ideologia é o recurso às ideias para legitimar e justificar formas determinadas de dominação (Chauí, 1980); no caso em questão, da análise didática, dominação burocrática-intelectual. Ela se apresenta como uma lógica coerente de representações e de conceitos que pretende substituir o real por um discurso sobre a realidade, ocultando sua gênese e dissimulando seu sentido. O caráter ideológico que a impregna é que faz com que a análise didática se apresente como algo essencial, universal, e que lhe confere um cunho prescritivo, de fala reiterativa, fechada em si mesma. (Meyer, 2021, p. 174, grifos meus)

Apesar de concordar com o ponto de vista do autor, não me aprofundarei nessa discussão por extrapolar o escopo desse escrito.

Durante anos as instituições filiadas à IPA restringiram a entrada no curso de formação apenas a *médicos* e a *psicólogos*, exigência que se encaminhava na direção oposta das recomendações do próprio Freud, publicadas no ensaio “A questão da análise leiga” (1926). Raramente eram aceitos candidatos de outras áreas, e quando o faziam, o indivíduo tinha de passar por uma *comissão julgadora específica*, responsável por avaliar a sua “capacidade” para o ingresso no curso – nada mais constrangedor, uma vez que esse processo ficaria carimbado como um caso de “exceção à regra”. Surpreendentemente, atualmente existe uma gama de institutos

que permanecem funcionando nesses mesmos moldes e se consideram, igualmente, os detentores da “verdadeira psicanálise”. Nesse sentido, nunca é tarde para retomarmos os dizeres de Freud:

Isso levou à questão, ardorosamente discutida pelos colegas, de qual seria a formação mais adequada para um analista. Sustentei e continuo sustentando, que não é aquela que a universidade prevê para um médico. A assim chamada função médica me parece um caminho tortuoso para a profissão de psicanalista, que, é verdade, proporciona muita coisa indispensável para o analista, mas também o sobrecarrega com muitas outras que ele jamais utiliza, e traz o perigo de que seu interesse e seu modo de pensar sejam afastados da compreensão dos fenômenos psíquicos. (Freud, 1926/2014, p. 220, grifos meus)

A história começa a ganhar novas nuances no ano de 1975, mais precisamente na cidade de São Paulo, com a origem do instituto Sedes Sapientiae onde se inicia o curso dirigido por Regina Schnaiderman e Roberto Azevedo (ele da IPA, ela não). “O instituto vem se mantendo ao longo de diversas mudanças de currículo, de cisões e modificações no seu sistema de direção; em 1985 foi fundado o departamento de psicanálise e, em 1988, a revista *Percurso* (Mezan, 2019, p. 224).

Simultaneamente, desponta no Brasil o movimento lacaniano. “Em 1974, Oscar Masotta havia fundado a escola freudiana de Buenos Aires, a qual influenciou muitos dos analistas que aqui vieram aportar” (Mezan, 2019, p. 224). Naquela época, Lacan ainda era vivo e considerado por seus discípulos como “o contestador que ousava enfrentar a IPA e promover um retorno a Freud, liberando a psicanálise do entulho americano (psicologia

do ego)” (Mezan, 2019, pp. 224-225). Em 1975, organizam-se os primeiros círculos lacanianos propriamente ditos (os centros de estudos freudianos em São Paulo, Rio de Janeiro e Recife), dirigidos por brasileiros que haviam estudado na França e em Louvain, na Bélgica (Mezan, 2019).

Em 1980, nasce o Centro de Estudos Psicanalíticos (CEP), localizado na região de Perdizes, em São Paulo. O espaço foi criado por Ernesto Duvidovich e Walkiria Del Picchia Zanoni, tendo como objetivo propor uma formação pluralista, que incluísse todos os discursos desenvolvidos no campo conceitual freudiano. A instituição defende que essa troca entre os discursos é um fenômeno enriquecedor para o desenvolvimento de um referencial singular próprio a cada estudante e, ao longo de sua existência, tem colaborado para a formação de psicanalistas menos submetidos a um dogma, tanto teórico quanto institucional.

Desde então, diversas instituições surgiram e outras desapareceram, enquanto algumas das mais tradicionais mudaram de orientação, numa virada de 180 graus. “Seja como for, o monopólio da IPA foi quebrado, e *nada indica que será reconstituído*” (Mezan, 2019, p. 227, grifos meus). Porém, isso significa dizer que a formação psicanalítica se tornou mais acessível? Em partes sim, em outras, não.

Alguns desses institutos sérios e renomados se alinharam a importantes causas políticas e sociais, facilitando o ingresso e a formação de uma clientela mais popular e menos elitizada. Outros, embora não sejam filiados à IPA, ainda mantêm valores exorbitantes em suas mensalidades; o que acaba dificultando o acesso de um contingente populacional menos *exclusivo e privilegiado*.

Assim, realizar uma formação psicanalítica nesses lugares de prestígio ainda é um *sonho distante* para quem vive nas periferias das grandes metrópoles.

Não existe isso que vocês chamam de formação

O título deste item propõe uma analogia com a famosa e clássica expressão de D. W. Winnicott: “*isso que chamam de bebê não existe*” (Winnicott, 1952/2021, p. 215, grifos do autor). Esclareço: o pediatra inglês nos exorta para o fato de que, ao observarmos um bebê, *não* o encontramos sozinho, e sim *associado* a alguém que dele cuida, atestando que o que existe, no início, está além do indivíduo e corresponde à unidade sujeito-ambiente.

No que tange à formação em psicanálise, podemos dizer que um analista *não se constrói sozinho*, ou seja, ele é fruto de um percurso institucional, de estudos compartilhados, de supervisões clínicas, de sua prática analítica, e, principalmente, de sua própria análise pessoal. Além disso, a nossa ocupação se enriquece por meio dos laços, dos encontros, do diálogo com os pares e da inserção do psicanalista na cultura, na política e na sociedade.

Nesse sentido, é correto dizer que existe uma *única* maneira de conceber o processo de formação?

Acredito que a resposta a essa pergunta seja um grande e assertivo “*não*”. Ora, uma formação psicanalítica *não ocorre* exclusivamente dentro dos muros dos institutos de psicanálise. Sim, um psicanalista pode seguir uma formação *autogerida* (ver o Capítulo 2, de Alfredo Naffah Neto, presente nesta obra), o que não significa, em absoluto, o mesmo que uma formação *solitária e independente*. Melhor dizendo: um estudante pode optar por cursar *seminários teóricos* com profissionais que admira ou em espaços da sua preferência (universidades, instituições ou grupos de estudos); participar de *supervisões* de casos clínicos (de modo coletivo ou individual); e, por fim, manter a frequência de sua *análise pessoal* com quem ele bem desejar, desde que seja uma análise “de verdade”, norteadas pelos pressupostos éticos da criação freudiana.

Imagino que agora o leitor deve estar se interrogando: “o que seria uma análise *de mentira*?”

Com o crescimento da psicanálise, diversos indivíduos passaram a seguir literalmente a expressão de Lacan: “o analista se autoriza a si mesmo”, fazendo dela um escudo para o charlatanismo. *Grosso modo*, muita gente da área acaba misturando a psicanálise com recortes da psicologia analítica, da fenomenologia, da terapia com florais, do psicodrama e, inclusive, da espiritualidade. Nada disso tem a ver com os princípios que orientam a ética psicanalítica.

Analisando esse impasse, Freud escreve, em 1933, uma conferência em que fica evidente a sua preocupação com essa “mistura” da psicanálise e outras psicoterapias:

Na realidade, é a técnica que obriga à especialização da atividade médica. Do mesmo modo, a cirurgia e a ortopedia tiveram que se separar uma da outra. A atividade psicanalítica é difícil e exigente, não pode ser manejada como os óculos que pomos para ler e tiramos para passear. Via de regra, ou a psicanálise tem o médico por inteiro ou não o tem absolutamente. Os psicoterapeutas que se utilizam ocasionalmente da psicanálise não se acham, pelo que conheço, em terreno psicanalítico firme; não aceitaram a análise inteira, mas sim a diluíram, tiraram-lhe o “veneno” talvez. Não podemos contá-los entre os analistas. (Freud, 1933/2010b, p. 316, grifos meus)

Trocando em miúdos: o psicanalista pode, inclusive é recomendado, ler e estudar outros assuntos que não se limitam à psicanálise (arte, filosofia, religião, literatura, biologia, sociologia, política, história etc.), mas, na prática terapêutica, ele *deverá* se respaldar na *teoria* e na *técnica* psicanalítica de maneira apropriada.

Por essa e outras razões é que não podemos afirmar, em hipótese alguma, que um curso de graduação em psicologia “forma” psicanalistas.⁴ Até porque uma coisa não tem relação alguma com a outra e, cabe destacar, a psicanálise *não* é uma abordagem da psicologia. Ela é uma disciplina própria, com critérios específicos que a configuram como um todo. Por isso, a afirmação de Freud (1933) é tão enfática/decisiva: *ou a psicanálise tem o seu praticante por inteiro ou não o tem absolutamente.*

É incontestável que a onda de crescimento da psicanálise, desde o início da pandemia de covid-19, em março de 2020, *facilitou* o acesso a muitas informações que passaram a circular em diversos campos, talvez nunca imaginados, por meio das redes sociais. Porém, o nosso ofício não pode ser aprendido apenas por intermédio de vídeos do YouTube ou episódios de *podcasts*. Caso contrário, corremos o grande risco de observar um aumento significativo de “análises selvagens” ou, como tem sido cada vez mais comum, de *vigarices*.

Nesse aspecto, Sándor Ferenczi (1873-1933), analista húngaro e um dos mais brilhantes e originais discípulos de Freud, atribui um destaque especial à chamada “*segunda regra fundamental da psicanálise*, isto é, que *quem quer analisar os outros deve, em primeiro lugar, ser ele próprio analisado*” (Ferenczi, 1928/2011a, p. 31, grifos do autor). Logo,

É fácil reconhecer os analistas não analisados (selvagens) e os pacientes incompletamente curados, pois sofrem de uma espécie de “compulsão para analisar”; a motilidade livre da libido, após uma análise terminada,

⁴ Ver o capítulo 1, intitulado “Psicanálise na graduação de psicologia”, do meu livro *Psicanálise de boteco: o inconsciente da vida cotidiana*, publicado pela Paidós (Almeida, 2022).

permite, em compensação, deixar governar, se necessário, o autoconhecimento e o autocontrole analíticos, mas sem ser impedido por outro lado, de maneira nenhuma, de desfrutar simplesmente a vida. (Ferenczi, 1928/2011a, p. 40, grifos meus)

É somente por meio da análise pessoal que desvelamos as nossas inseguranças e assumimos, de maneira legítima, as nossas potencialidades, dissolvendo a neblina da vaidade narcísica que nos impede de descobrir o que está além de nós mesmos. É com a nossa própria análise que apreendemos, *na prática*, a tópica, a dinâmica e a economia do aparelho psíquico, alçando transformações gradativas, oriundas do poder da escuta (de si e do outro).

Acerca do estudo teórico, é pertinente tecermos algumas considerações. É fundamental iniciar a nossa jornada com os estudos da teoria freudiana – o que leva tempo e paciência. Freud é um pensador complexo, embora tenha uma escrita cristalina, fluida e bastante generosa. Seu pensamento é tipicamente científico:⁵ diz e se contradiz, volta atrás, acrescenta diversas notas de rodapé na mesma proporção em que produz novas descobertas. Deixa espaço para inovações, propõe diálogos com o contexto sócio-histórico e, por último, mas não menos importante: *é um autor assustadoramente atual*. Além disso, cada vez que retomamos os seus artigos, descobrimos um ponto que havia nos escapado em uma primeira leitura – é importante pontuar: *sempre escapa algo*.

⁵ O “pensamento científico” refere-se a uma abordagem sistemática e racional para entender o mundo natural por meio de observação, experimentação, análise crítica e interpretação dos dados coletados. Ele se baseia em princípios como a objetividade, a verificabilidade, a replicabilidade e a busca por evidências empíricas. Uma de suas características fundamentais é a abertura para o *questionamento e a revisão das ideias* com base em novas informações ou descobertas.

Porém, a psicanálise se expandiu e ganhou outros autores que deixaram contribuições indispensáveis para a nossa formação. Apenas para citar alguns que considero principais: Ferenczi, Klein, Bion, Winnicott e Lacan; cada um deles autores de vértices teóricos que constituem um verdadeiro universo, o que exigirá do estudante horas a fio de dedicação. Nesse sentido, é aconselhável que possamos dividir essas leituras com colegas, na companhia de um bom “analista-professor” capaz de transmitir os conteúdos com didática, coerência e rigor. Na esfera da transmissão teórica, é indispensável que o docente consiga cotejá-la com a nossa realidade social, provocando a construção de um pensamento *crítico* e menos engessado, alinhado às demandas da contemporaneidade.

Entretanto, há de se levar em conta outro aspecto importante da formação pouco abordado até agora: a *supervisão*. A meu ver, essa é uma das atividades mais enriquecedoras para um analista em construção. É recomendável, inclusive, que ela aconteça antes mesmo de se iniciar os atendimentos, mediante a frequência a *seminários clínicos*, oferecidos por instituições ou profissionais mais experientes. Trata-se de um encontro em que um dos psicanalistas (ou o próprio supervisor) leva alguns recortes de um caso e compartilha com os seus colegas, dividindo as inquietações e os “pontos cegos” desse atendimento. É o momento de *ouvir e não de julgar* o que foi feito pelo outro como certo ou errado – embora seja comum o relato de supervisões que tiveram desfechos catastróficos, incluindo participação de supervisores autoritários e estudantes armados de moralismo e arrogância.

Como encontro humano que é, a supervisão deve ser um exercício de *solidariedade e empatia*, e menos de *instrução*. Portanto, mais afeita às artes da existência, a um cuidado de si, do que ao exercício de um poder pastoral ou uma prática educativa. É aconselhável também que o recurso de supervisão se mantenha ao longo de toda a atividade clínica de um psicanalista. Muitos,

inclusive, escolhem um supervisor de acordo com as suas afinidades teóricas e afetivas – *transferenciais*. Uma observação: esses encontros precisam ser cuidadosamente respaldados pelo *sigilo ético*, certificando-se de que a identidade do paciente não corre o risco de ser exposta a seus conhecidos e familiares, mesmo que involuntariamente – o que poderia ser uma triste coincidência e um desastre para o tratamento.

Podemos supor que, numa supervisão, quando bem conduzida, sempre haverá um *terceiro*, simbólico ou não, que nos impulsiona a sair de um pensamento solipsista para uma comunicação *com* um outro, em direção ao externo. Esse terceiro é um destinatário para uma narrativa nova, daquilo que vai poder ser lembrado e, então, finalmente esquecido, elaborado e, por fim, *transformado* (Porto, 2015). Finalmente, a supervisão se oferece como um lugar de *provocação, continuidade e rupturas* em nossa autoanálise. Se “a guerra é a continuação da política por outros meios”, “a supervisão é a análise continuada por outros meios”, na proposição afortunada de Fabio Herrmann (2001, p. 122).

Acredito que, após esses esclarecimentos, o público leigo possa se sentir mais familiarizado com as diretrizes que orientam o nosso percurso de formação.

Busquei descrever, brevemente, os três aspectos que compõem o famoso *tripé*: análise pessoal, estudo teórico e supervisão. Vimos, também, que existem várias maneiras de cruzar esse caminho *árduo e infinito*, pois em cada momento da história da civilização enfrentamos diferentes questões que tecem a complexa trama dos sofrimentos psíquicos.

Grosso modo, o analista precisa estar *atualizado*, em *sintonia* com as outras áreas do conhecimento e com as constantes transformações da cultura. Com efeito, um analista que só lê livros de psicanálise dificilmente estará preparado para compreender as

narrativas de angústia dos seus analisandos, constituídas a partir de temas como o racismo estrutural, as questões de identidade e gênero, o desemprego ocasionado pela crise econômica e política, a homofobia, a intolerância religiosa, a violência doméstica etc.

Fechar-se na bolha de um único interesse pode ser um grande impasse à escuta analítica. A mesma reflexão aplica-se ao dogmatismo teórico, tão frequente em nosso meio – refiro-me aqui aos famosos “ianos” (kleinianos, lacanianos, winnicottianos, dentre outros), que se *recusam* a estudar qualquer outra coisa que não tenha sido escrita ou falada por seu autor de estimação; isso não quer dizer que não possamos ter uma inclinação teórica de preferência.

Uma questão espinhosa: a democratização da transmissão

Antes de prosseguir, retomemos alguns aspectos importantes tratados anteriormente:

- o pilar da formação analítica consiste na análise pessoal do candidato;
- o estudo da teoria é contínuo e permanente, envolvendo outras áreas do conhecimento que não se restringem à psicanálise, podendo ocorrer *dentro* e *fora* das instituições;
- é indispensável que o analista participe de seminários clínicos e realize supervisão com um profissional mais experiente, no decorrer de seus atendimentos.

Na ausência de um desses três itens, não há formação que se sustente. Portanto, reduzir esse percurso a um determinado prazo cronológico seria, no mínimo, inconcebível. *A formação psicanalítica é permanente*. Trata-se de um *projeto de vida*, que leva tempo e investimento (não apenas financeiro).

Isto posto, podemos começar a falar de democratização.

Partindo da suposição de que um analista se forma no *divã*, o primeiro aspecto que deve ser abordado é, justamente, a questão da possibilidade de acesso a um tratamento psicanalítico por uma população mais vulnerável, marcada pela violência da exclusão social.

A nossa disciplina sempre carregou a fama de ser *cara e elitizada* – o que não é nenhuma mentira, convenhamos. Contudo, muitas instituições psicanalíticas oferecem redes de atendimento com valores justos e adequados – e isso já vem ocorrendo há alguns anos. Além disso, existem diversos projetos sociais voltados para a prática de uma psicanálise popular com atendimentos públicos, mantidos por ONGs, universidades e profissionais independentes. É preciso mencionar também a grande quantidade de psicanalistas com uma formação sólida, séria e consistente que praticam a chamada “clínica social”, reservando uma parcela de seus atendimentos para pessoas que não podem arcar com os custos “normais” de uma sessão de análise. Esse trabalho é louvável e tem feito a psicanálise conquistar territórios jamais imaginados. Tal movimento corresponde à concretização de um dos sonhos do próprio Freud que, numa conferência de 1918, em Budapeste, declarou abertamente:

Por outro lado, pode-se prever que, em algum momento, a consciência da população acordará e a alertará para o fato de que o pobre tem o mesmo direito à assistência anímica que ele já tem agora à assistência cirúrgica, que salva vidas. E que as neuroses não são menos ameaçadoras à saúde da população que a tuberculose e que, assim como esta, não podem ser deixadas a cargo de cada pessoa do povo. . . . Esses tratamentos serão gratuitos. Pode ser que leve muito tempo até que

*o Estado perceba esses deveres como sendo urgentes.
(Freud, 1919[1918]/2017b, p. 201, grifos meus)*

De um modo ou de outro, a psicanálise se *inova* no cenário de crise social. É a escuta das demandas do nosso tempo que mantém o nosso saber vivo e criativo, obrigando-nos a dar conta do sofrimento e da miséria que se apresentam diante de nós enquanto algo desconhecido e que intimidam a nossa ética, lançando-nos a um lugar de desconforto e adaptação. Ora, a própria pandemia nos ensinou que podemos sustentar uma análise inteiramente *on-line* – fenômeno que acabou facilitando ainda mais o acesso das pessoas a um processo analítico.

Advém que, nesse contexto, encontramos a “solução” para somente *um* dos três vértices do tripé da formação. Porém, o que fazer com os outros dois (a saber, o estudo da teoria e a supervisão)?

Ao realizar uma pesquisa rápida na internet, é possível ter uma base do custo de alguns seminários teóricos oferecidos por instituições de importante relevância em nossa comunidade. Constatamos, com essa busca, que as mensalidades giram em torno de *trezentos a seiscentos* reais; valores inacessíveis à maior parte da população brasileira. Embora alguns locais ofereçam uma porcentagem de bolsas (integrais ou parciais), o ingresso nesses cursos fica bastante limitado.

No que tange às supervisões, elas geralmente possuem preços variáveis, dependendo do psicanalista que coordena os encontros coletivos ou que oferece esse serviço na modalidade de sessão individual. No entanto, determinados institutos de formação disponibilizam uma quantidade de vagas gratuitas para alunos ouvintes em seus seminários clínicos.

Assim, o indivíduo que procura por uma formação em psicanálise se vê perdido diante de tantas opções e, ao mesmo tempo,

barrado por suas limitações financeiras. Além disso, circula por aí a promessa de “objetos de fetiche”, como “carteirinha” e “distintivo” de psicanalista, oferecidos ao final de um curso de seis meses a um ano (totalmente online). Tais utensílios funcionam (pelo menos na fantasia de quem os criou) como *garantia* e *autorização* para clinicar.

Por mais que essas bizarrices nos pareçam cômicas e/ou trágicas, elas fazem brilhar os olhos de quem está em busca de uma nova carreira ou da oportunidade de um trabalho remunerado. Não podemos nos esquecer, entretanto, que o charlatanismo se aproveita justamente da condição de *fragilidade* humana.

Seguindo por esse mesmo caminho, no ano de 1911, em uma conferência feita na cidade de Nuremberg, durante o II Congresso de Psicanálise, Sándor Ferenczi nos lança um alerta com certo tom de presságio:

Mas a maneira mais perigosa e a mais desprezível de aprovar as teorias de Freud consiste em redescobri-las e propagá-las sob um outro nome. . . . Tais amigos constituem para a psicanálise uma ameaça maior do que a de seus inimigos. O perigo que nos espreita, de certa maneira, é que viéssemos a ficar em moda e crescer rapidamente o número daqueles que se dizem analistas sem o ser. (Ferenczi, 1911/2011b, p. 174, grifos meus)

Com o objetivo de evitar tamanhos desastres, é necessário nos *aproximarmos* do público, esquivando-nos do jargão, do pedantismo e do modelo excessivamente erudito incompatível com o nosso tecido social. Precisamos nos desconstruir para construir novas possibilidades, a começar pela nossa própria escrita: um texto de psicanálise deve ser compreendido por *qualquer* leitor,

seja ele da área ou não. Tal atitude retira o conhecimento de um lugar privilegiado e inacessível, desmistificando as características que subjazem o nosso ofício.

Como escreve Jorge Broide no prefácio do livro *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social*, de Elizabeth Ann Danto (2019):

O momento histórico brasileiro tem mobilizado também diferentes associações psicanalíticas que buscam outras formas de inserção e de atendimento clínico no campo social, numa sinergia que vai colocando como inexorável o olhar para fora de sua própria instituição e da classe social de seus membros. É cada vez mais claro para todos os membros da comunidade psicanalítica que o isolamento do mundo cotidiano faz com que a psicanálise perca cada vez mais espaço na atualidade. (Broide, 2019, p. XVII)

Estou de pleno acordo com Broide, e penso que falar de formação convoca a nossa disposição para acolher a diversidade, reconsiderando o lugar que ocupamos nesse processo; um posto de *responsabilidade* ética. Para que a psicanálise sobreviva é fundamental estabelecermos mais laços do que rupturas e, nessa perspectiva, é urgente a criação de diálogos.

Sobre a estrutura do livro

Finalmente, passo à introdução dos temas que serão abordados neste livro. Porém, seria inconcebível falar de cada capítulo, mesmo que de maneira sucinta, pois todos eles são tão gigantes e

singulares que, ao fazer isso, eu corro o grande risco de minimizar a potência dos textos que estruturam o conjunto.

A “graça” desta obra consiste justamente na *surpresa* e na *pluralidade*.

Esclarecer, discutir e provocar me parece bem melhor do que encerrar uma discussão com “isso ou aquilo”, conforme escreveu a genial Cecília Meireles, metaforizando o funcionamento do pensar infantil. Merecemos mais do que simples polarizações e/ou dicotomias. Os leitores também merecem.

Se, de acordo com o campo psicanalítico, o dispositivo proposto pelo bacharelado não atende às respectivas exigências para uma formação em psicanálise, precisamos cogitar alternativas coerentes e realizáveis, deixando de lado certas utopias e convicções. Não obstante, devemos questionar os motivos que sustentam esse argumento (um tanto quanto preconceituoso, aliás).

Nesse sentido, os ensaios aqui reunidos apontam para essas possibilidades, sem quaisquer reducionismos. Alguns se orientam por uma perspectiva mais crítica e social, outros se respaldam nas falhas que incidem na formação analítica contemporânea, e há aqueles que se guiam por uma vertente mais histórica.

Assim, o nosso leitor pode, ao estilo de Winnicott, brincar com a estrutura deste livro, saboreando cada capítulo na ordem de um clássico menu degustação: entrada, prato principal e sobremesa, ou escolher *à la carte* os ensaios que lhe interessam.

Todavia, adianto: *todos* os textos são imprescindíveis para repensarmos os alicerces da formação psicanalítica e os seus concernentes rumos na contemporaneidade.

Desejo a todos uma excelente leitura.

Referências

- Almeida, A. P. (2022). *Psicanálise de boteco: o inconsciente da vida cotidiana*. Planeta.
- Almeida, A. P. (2023). *Por uma ética do cuidado: Ferenczi para educadores e psicanalistas* (Vol. 1). Blucher.
- Barros, M. (1999). *Exercícios de ser criança*. Salamandra. (E-book)
- Broide, J. (2019). Prefácio. In E. A. Danto, *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social*. Perspectiva.
- Freud, S. (2010a). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 10). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (2010b). Conferência 34: Esclarecimentos, explicações, orientações. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 18). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (2010c). Além do princípio de prazer. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 14). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2014). A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 17). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (2017a). Sobre psicanálise “selvagem”. In S. Freud, *Obras incompletas de S. Freud* (Vol. 6). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (2017b). Caminhos da terapia psicanalítica. In S. Freud, *Obras incompletas de S. Freud* (Vol. 6). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1919[1918])

- Ferenczi, S. (2011a). Elasticidade da técnica psicanalítica. In S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 4). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928)
- Ferenczi, S. (2011b). Sobre a história do movimento psicanalítico. In S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 1). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1911)
- Herrmann, F. (2001). A supervisão vista de baixo. *Jornal de Psicanálise*, 34, 111-138.
- Jorge, M. A. C. (2022, janeiro 19). Bacharelado em Psicanálise é aberração. *Folha de S.Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/opinia/2022/01/bacharelado-em-psicanalise-e-aberracao.shtml>
- Mezan, R. (2014). *O tronco e os ramos*. Companhia das Letras.
- Mezan, R. (2019). *Interfaces da psicanálise*. Blucher.
- Meyer, L. (2021). *Navegação inquieta: ensaios de psicanálise*. Blucher.
- Porto, T. S. (2015). Supervisão: ato político de amizade. *Jornal de Psicanálise*, 48(89), 43-52.
- Winnicott, D. W. (2021). Ansiedade associada à insegurança. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1952)



Esta obra sensível e primorosa surgiu das inquietações suscitadas em Alexandre Patricio de Almeida após o debate envolvendo a formação psicanalítica com o surgimento de uma graduação em psicanálise online. Alexandre, mais uma vez, fugiu do básico e convidou psicanalistas de vários cantos do nosso país e de distintas linhagens teóricas para, de maneira democrática, desvelando a importância de um convívio de respeito às diferenças, escreverem cada um dos capítulos deste livro. Todos os textos aqui reunidos reafirmam a solidez e a atualidade da psicanálise, reforçando a importância do tripé preconizado por Freud – a análise pessoal, o estudo permanente da teoria e a supervisão –, para a ética e a qualidade da formação de um psicanalista. É uma leitura que não pretende dizer o que é *melhor* ou *pior*, mas que nos leva a refletir, de forma crítica e bem fundamentada, sobre o “ser psicanalista”. Eu, particularmente, fui digerindo cada ideia, sensibilizando-me, emocionando-me e inquietando-me, da primeira à última página. Imperdível e ousado para seguirmos avante.

Samantha Dubugras Sá

Psicanalista e doutora em Psicologia pela PUC-RS

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-635-7



9 786555 106635 7



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui:

[VEJA NA LOJA](#)

Muito além da forma ao
Diálogos sobre a transmissão e
a democratização da psicanálise

Alexandre Patricio de Almeida

ISBN: 9786555066357

Páginas: 304

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
